

## Clarice Lispector

Roberto Carlos Mayer<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo retrata a vida de Clarice Lispector desde seu nascimento como membro de uma família judia fugitiva numa vila remota na Ucrânia, sua passagem por Alagoas, a vida no Rio de Janeiro e a vida de esposa de diplomata, até a consagração como uma das principais escritoras brasileiras do Século XX. O valor de sua obra é atestado pelo crescente número de novas edições e traduções de seus textos em inúmeros países até os nossos dias, além do grande público que afluíu à Exposição “Constelação Clarice”, em 2022, no Instituto Moreira Salles, atualmente responsável pela preservação de seu acervo pessoal. Os conflitos e adversidades que marcaram sua vida, do início ao fim, e a complexidade de sua obra permitem que este artigo sirva apenas de degustação para aqueles que ainda não se aventuraram nesse universo.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector; Vida repleta de adversidades; Literatura Brasileira; Instituto Moreira Salles.

### Summary

This article portrays the life of Clarice Lispector since her birth as a member of a runaway Jewish family in a remote village in Ukraine, her passage through Alagoas, her life in Rio de Janeiro and as a diplomat's wife, until her consecration as one of the main Brazilian writers of the 20th century. The value of her work is attested by the growing number of new editions and translations of her texts in numerous countries until our days, in addition to the large audience that flocked to the “Constelação Clarice” Exhibition, in 2022, at Instituto Moreira Salles, currently responsible for preserving her personal collection. The conflicts and adversities that marked her life, from beginning to end, and the complexity of her work allow this article to serve only as a tasting for those who have not yet ventured into this universe.

**Keywords:** Clarice Lispector; Life full of adversities; Brazilian literature; Moreira Salles Institute.

### Resumen

Este artículo retrata la vida de Clarice Lispector desde su nacimiento como miembro de una familia judía fugitiva en un remoto pueblo de Ucrania, su paso por Alagoas, la vida en Río de Janeiro y la vida como esposa de un diplomático, hasta su consagración como una de los principales escritores brasileños del siglo XX. El valor de su obra está atestado por el creciente número de nuevas ediciones y traducciones de sus textos en numerosos países hasta nuestros días, además del numeroso público que acudió a la Exposición “Constelação Clarice”, en 2022, en el Instituto Moreira Salles, actualmente responsable de la preservación de su colección personal. Los conflictos y adversidades que marcaron su vida, del principio al fin, y la complejidad de su obra permiten que este artículo sirva solo como una degustación para quienes aún no han incursionado en este universo.

**Palabras clave:** Clarice Lispector; Vida llena de adversidades; Literatura brasileña; Instituto Moreira Salles.

<sup>1</sup> Vice-Presidente Governança e Planejamento da Federação das Associações das Empresas Brasileiras de Tecnologia da Informação - ASSESPRO. E-mail: rocmayer@gmail.com

*“Por onde passo, vou deixando o melhor de mim.  
Se alguém não viu, foi porque não me sentiu com o coração.”*

*Clarice Lispector*

## Introdução

Clarice Lispector, considerada uma das principais escritoras brasileiras do século XX, é citada na Wikipédia como a maior escritora judia desde Franz Kafka.

Neste texto sobre sua vida e obra, tenho apenas a pretensão de despertar no leitor o interesse em se aprofundar em sua obra e legado, ao qual certamente as poucas páginas deste capítulo servem apenas de modesta introdução.

## Sua vida

Ela nasceu em dez de dezembro de 1920 numa pequena vila do sudoeste da Ucrânia, chamada Chechelnyk, que nos dias de hoje tem cerca de seis mil habitantes e se localiza próxima a fronteira com a Moldávia, mais pobre dentre todos os países europeus na atualidade. Seus pais, Pinkouss e Mania Krimgold Lispector, eram judeus, porém moravam há pouco tempo em Chechelnyk.

Pinkus e Mania se casaram por determinação de seus pais em 1889, como era costume na época. Desse casamento nasceram três filhas, sendo nossa biografada a caçula delas. Ao nascer recebeu o nome de Haya Pinkhasovna (Haya filha de Pinkhas, inspirado na tradição judaica de nomear os filhos).

Além da pobreza reinante, as perseguições aos judeus se agravaram durante a Guerra Civil Russa, incluindo a proibição de emigrar. Por isso a família havia se mudado para Chechelnyk, para facilitar uma emigração ilegal pelo território da Moldávia, na época pertencente à Romênia.

A fuga da Ucrânia se consumou durante o inverno europeu, em fins de 1921. Em janeiro de 1922 o consulado russo na Romênia concedeu passaportes válidos para a emigração para o Brasil. Assim, após cruzar a Europa de Bucareste até Hamburgo, na Alemanha, a família embarcou no navio brasileiro Cuyabá, com destino a Maceió, capital de Alagoas.

A escolha da cidade de Maceió se deu pelo fato de que a irmã de Mania, assim como vários outros parentes da família materna, já havia se estabelecido lá antes.

Visando facilitar o processo de integração da família recém-chegada ao Brasil, seu pai decidiu que todos os membros da família mudariam seus nomes. Foi assim que o pai Pinkhas passou a se chamar Pedro, a mãe Mania passou a se chamar Marieta, e nosso bebê Haya Pinkhasovna passou a se chamar Clarice.

A vida em Maceió, entretanto, continuou em condições precárias por vários anos, enquanto Pedro trabalhava como um pequeno mascate. Somente, quando Pedro se associou a seu cunhado José para fabricar sabão, como já tinha feito na Ucrânia, é que a situação econômica da família melhorou.

O primeiro registro de escolarização de Clarice data de 1924, quando aos quatro anos de idade, ingressou no jardim de infância. Porém, apenas um ano depois, a família se muda para o Recife. Especula-se que essa mudança tenha sido uma tentativa de se afastar dos conflitos familiares e do desejo de Pedro de melhorar as condições da família numa cidade não apenas maior, mas com uma população judaica mais significativa.

Clarice foi alfabetizada em 1928, aos sete anos de idade. Apenas dois anos depois ela escreveu sua primeira peça teatral, inspirada por uma peça que havia visto, da qual sabemos apenas do título “Pobre menina rica”. O texto foi perdido.

Aos dez anos de idade Clarice já escrevia contos com certa regularidade, e os enviava para a página infantil do Diário de Pernambuco, mas o jornal não chegou a publicar nenhum de seus textos. Nessa mesma idade, seu interesse pela matemática a levou a dar aulas para vizinhos.

Em 1930, graças à melhoria da situação econômica do pai, Clarice ingressou na terceira série do Colégio Hebreu-Brasileiro do Recife, onde aprendeu hebraico e iídiche.

A mãe dela sofria de tuberculose desde antes da emigração da Ucrânia (atribuída por alguns biógrafos a um estupro por parte de soldados russos, que lhe teriam transmitido sífilis inicialmente). O fato é que o estado de saúde da mãe se agravou significativamente, e Clarice escreveu, para tentar agradá-la, contos e peças.

Porém, em setembro de 1930, aos quarenta e dois anos, Marieta (Mania) Lispector faleceu, sendo sepultada no Cemitério Israelita do Barro. Clarice compôs sua primeira peça para piano em homenagem a sua mãe.

Em 1932, após concluir a escola primária, Clarice foi aprovada para estudar no Ginásio Pernambucano. Segundo relatos autobiográficos, foi já no ano seguinte que ela decidiu tornar-se escritora, como forma de enfrentar o vácuo que ela sentia na sua vida.

Em janeiro de 1935, quando Clarice tinha 14 anos, mudou-se (viajando de navio) com o pai e as irmãs para o Rio de Janeiro. Seu pai esperava não só prosperar nos negócios na Capital, mas conseguir bons partidos para suas filhas na comunidade judaica carioca.

As duas irmãs mais velhas de Clarice se tornaram funcionárias públicas no Rio de Janeiro, graças à amizade que haviam desenvolvido com o político Agamenon Magalhães, que na época era ministro do Trabalho e havia sido professor de Geografia de Clarice e uma de suas irmãs.

Em 1936 Clarice concluiu seus estudos ginasiais no Rio de Janeiro, onde morava com o pai e as irmãs no bairro da Tijuca.

No início de 1937, Clarice ingressou numa escola preparatória para o curso de Direito, o que causou estranheza: além de Clarice ser mulher, ela não pertencia à elite carioca. Essa decisão revela seu desejo de mudança social. Disse ela: “o que eu via [no Recife] me fazia como me prometer que não deixaria aquilo continuar”. Além disso, ela revelou depois que “minha ideia ... era estudar advocacia para reformar as penitenciárias”.

Em 1938, ao mudar para outra escola preparatória, se declarou nascida em Pernambuco. Também voltou a dar aulas particulares para ajudar na renda da família, que não evoluiu no Rio de Janeiro conforme os desejos do pai. Sua irmã Tânia, porém, casou-se com um comerciante judeu carioca nesse ano.

É preciso lembrar que nesse período ocorreu no Brasil o chamado “Estado Novo”, liderado pelo presidente Getúlio Vargas, que passou a intensificar as relações do Brasil com a Alemanha nazista e outros regimes ditatoriais. Como consequência, o antissemitismo cresceu no Brasil e voltou a interferir na vida dos Lispector. Há relatos de que Pedro era sionista e arrecadava fundos para os judeus na Palestina, apesar dos riscos.

Finalmente, no ano de 1939, Clarice ingressou no curso superior na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo ela trabalhava como secretária em um escritório de advocacia e em um laboratório, e fazia traduções de textos científicos.

Em 1940, aos dezenove anos, sua atenção à Literatura resulta na publicação de seu primeiro conto conhecido, chamado “Triunfo”, na revista Pan. Nesse conto, ela descreve os pensamentos de uma mulher abandonada por seu companheiro.

É preciso lembrar que naquela época as revistas precisavam endossar o regime ditatorial do Estado Novo de Vargas, para não serem censuradas. Seguindo o modelo nazista, Vargas havia criado o Departamento de Imprensa e Propaganda, que funcionou até 1945.

Em agosto de 1940, após uma cirurgia supostamente simples de retirada da vesícula biliar, seu pai Pedro (Pinkouss) Lispector veio a falecer, aos cinquenta e cinco anos de idade, deixando Clarice órfã de pai e mãe aos dezenove anos de idade.

Assim, Clarice foi morar na casa da irmã mais velha, já casada, mas em função do pequeno tamanho da residência acabou tendo que dormir no quarto de empregada, onde ela também passava o tempo estudando e escrevendo.

Como forma de evoluir com a sua escrita, Clarice se empenhou em adentrar na área do jornalismo, apesar das dificuldades levantadas às mulheres nessa época. Segundo ela relatou anos depois, ela ia de redação em redação oferecendo seus contos, até que um dia chegou à redação da revista “Vamos Ler!”, onde mostrou seus textos ao jornalista Raimundo Magalhães Júnior, secretário do ministro de Propaganda, Lourival Fontes, que decidiu publicar seus textos.

A partir daí, Clarice fez contato com Fontes, por meio do qual ela conseguiu ser contratada como tradutora na Agência Nacional, agência de notícias oficial do governo varguista, embora formalmente contratada como jornalista. Ela era a única mulher a trabalhar por lá.

Nesse trabalho conheceu e fez amizade com Lúcio Cardoso, um escritor e jornalista mineiro, já estabelecido no meio literário. Graças a essa amizade, passou a ter novas oportunidades para escrever e publicar num ritmo cada vez mais intenso.

Em 1941, ela foi enviada pela Agência Nacional para cobrir a inauguração do Museu Imperial de Petrópolis, onde conheceu Getúlio Vargas.

Essas assim chamadas “relações” lhe permitiram ocupar espaços na imprensa com velocidade cada vez maior, publicando textos não apenas no Rio de Janeiro, mas também no jornal paulista “Diário do Povo”, sobre um evento presidido pela primeira-dama Darcy Vargas.

Além da “Vamos Ler!”, suas “Cartas a Hermengardo” foram publicadas no semanário “Dom Casmurro”, que trata de uma mulher que aconselha um homem a ouvir seus instintos. Sua produção literária crescente produziu alguns contos que seriam publicados apenas na coletânea póstuma “A Bela e a Fera”, em 1979.

Apesar disso, Clarice manteve seus projetos na universidade, ainda mirando o sistema penitenciário, através da colaboração com a revista universitária “A Época”. Dois ensaios dessa época são “Observações sobre o fundamento do direito de punir” e “Deve a mulher trabalhar?”.

As “Observações...” chamaram a atenção de estudiosos posteriores por dizer que:

*“O homem é punido pelo seu crime porque o Estado é mais forte que ele; a Guerra não é punida porque se acima dum homem há os homens, acima dos homens nada mais há.”*

Esta afirmação foi interpretada tanto como uma justificativa para a ditadura e o nazismo, quanto como um sinal de um ateísmo incipiente em Clarice. Porém, na mesma época passou a se reaproximar da tradição literária e filosófica judaica. Na sua biblioteca pessoal foram encontrados textos de Franz Kafka e de Baruch Espinoza.

Alguns biógrafos afirmam que essas leituras inspiraram seu primeiro romance “Perto do Coração Selvagem”, publicado em 1942.

Sua atividade profissional lhe permitiu freqüentar, nessa época, rodas de amigos nas quais conheceu figuras como Vinicius de Moraes (que seria posteriormente um de seus entrevistados mais famosos), Cornélio Pena, Rachel de Queiroz e Otávio de Faria.

Ao final do ano de 1942, Clarice iniciou um relacionamento com Maury Gurgel Valente, seu futuro marido, e na época colega de estudos. Ele havia sido aprovado no exame para o “serviço estrangeiro”, transformando-se em diplomata brasileiro. Pela legislação da época, os diplomatas eram

proibidos de se casar com estrangeiros, o que era o caso de Clarice, que ainda não havia se naturalizado brasileira.

Pela legislação da época, Clarice só poderia requerer a naturalização ao completar vinte e um anos de idade, o que ela fez imediatamente em dezembro de 1941. No acervo de cartas de Clarice há uma que ela escreveu ao presidente Getúlio Vargas, tentando apressar o processo de naturalização. O processo, porém, foi concluído apenas no rito normal da época, em janeiro de 1943.

Em fevereiro de 1942 passou a trabalhar na redação do jornal “A Noite”, também controlado pela Agência Nacional. Foi lá que, já “maior de idade”, obteve seu primeiro registro profissional como redatora.

Foi nesse período que ela passou a ler escritores modernistas como Fernando Pessoa, Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, incentivada pelo amigo Francisco de Assis Barbosa. Graças ao incentivo deste, produziu seu primeiro romance “Perto do Coração Selvagem”, baseado nos seus contos.

Em janeiro de 1943, apenas onze dias após a concessão da sua naturalização pelo governo nacional, ela finalmente se casa com Maury Gurgel Valente, em cerimônia apenas civil, como acontece com muitos casais que seguem religiões diferentes. O curto prazo entre a obtenção da naturalização e o casamento pode ser interpretado como a “sede” de Clarice em iniciar uma vida adulta, sem depender das irmãs mais velhas.

Inicialmente o casal Maury e Clarice morou na casa dos pais de Maury, passando a morar posteriormente numa casa no bairro do Botafogo. No final de 1943, Clarice e Maury concluíram o curso de Direito, mas pelo que consta, nenhum dos dois compareceu à cerimônia de colação de grau.

“Perto do Coração Selvagem” foi impresso pela primeira vez em 1943, por uma editora ligada ao jornal “A Noite”. Dos mil exemplares da primeira tiragem, Clarice recebeu cem a título da cessão dos direitos autorais. Ela optou por enviar esses exemplares a críticos literários, o que gerou elogios e comparações com escritores como Virginia Woolf, James Joyce, Jean-Paul Sartre e Marcel Proust. Clarice afirmou anos depois que na época não havia lido nenhum livro desses autores.

Em janeiro de 1944, Clarice iniciou nova mudança de cidade: Maury havia sido nomeado vice-cônsul em Belém do Pará. Clarice não trabalhou em Belém, passando a dedicar-se exclusivamente à leitura e a literatura. Seu segundo livro “O Lustre”, foi gestado nesse período.

Em 1945, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, Maury e Clarice foram informados de que ele assumiria funções diplomáticas no consulado brasileiro em Nápoles, na Itália.

A viagem de Clarice para Nápoles se transformou em um longo périplo, incluindo curtas estadias em Lisboa e na Argélia, onde seu sogro Mozart Valente trabalhava como diplomata brasileiro na época.

Já em Nápoles, Clarice obteve autorização das autoridades militares estadunidenses para fazer trabalho voluntário em um hospital norte-americano, local onde eram enviados os mais graves casos resultantes da guerra recém-concluída. Clarice visitava o hospital diariamente, escrevendo e lendo cartas para os soldados e ajudando-os no que eles precisassem.

Apesar de ter ganhado em 1945 o Prêmio Graça Aranha de melhor romance do ano por “Perto do Coração Selvagem”, Clarice continuou tendo dificuldades para publicar “O Lustre”, seu primeiro romance linear, que acabou publicado pela editora católica Agir.

Durante sua permanência na Itália, Clarice passou a se corresponder com Manuel Bandeira. Com base numa carta dele que criticava poemas de Clarice, ela decidiu queimar todos os poemas que havia escrito. Posteriormente, Bandeira lhe comunicou seus remorsos pelas consequências de suas palavras, mas a destruição já era irreversível.

Durante esse período Clarice também teve a oportunidade de viajar pela Itália, conhecendo Roma, Florença e Veneza, e de visitar Córdoba, na Espanha (que havia sido um dos maiores centros do judaísmo árabe-espanhol na Idade Média).

O cão vira-lata que ela encontrou e adotou em Nápoles, ela chamou de Dilermando. Dilermando também viria a servir de inspiração para alguns textos de Clarice.

No início de 1946, "O Lustre" é publicado. Clarice viajou ao Rio de Janeiro como parte do serviço diplomático do Ministério das Relações Exteriores. Nessa visita conheceu novos amigos que marcariam sua vida, como Bluma Chafir Wainer, esposa do jornalista Samuel Wainer, Rubem Braga, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos, com quem Clarice teria um romance anos depois.

Em março de 1946, Maury é transferido para Berna, na Suíça. Clarice retorna do Rio de Janeiro a Nápoles para acompanhar a mudança, que já estava preparada a sua chegada. Em função de um boato de que os hotéis suíços não aceitavam cães, Clarice abandonou Dilermando em Nápoles. Este fato será posteriormente a base do conto "O Crime".

Esta nova mudança, para um país de língua alemã, gerou ainda mais dificuldades de adaptação para Clarice. Ela continuou a se dedicar a leitura, a escrita, e passou a freqüentar os cinemas com frequência.

Já no ano seguinte ela engravidou pela primeira vez. Em agosto de 1948, nasceu em Berna, seu primogênito, que recebeu o nome de Pedro Lispector Valente (em homenagem ao avô materno).

Na sequência Maury ocupou funções diplomáticas na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde em fevereiro de 1953, nasce o segundo filho do casal, recebendo o nome de Paulo Gurgel Valente.

Na medida em que Pedro, seu filho mais velho, começou a se aproximar da adolescência, seu bom comportamento e rendimento escolar se transformaram: além da falta de atenção aos estudos, ele passou a manifestar extrema ansiedade e agitação.

Pedro acabou sendo diagnosticado como sofrendo de esquizofrenia. Assim como muitas mães de indivíduos com problemas de saúde mental, Clarice sentia culpa pela doença mental do filho. Ao longo dos anos ela precisou recorrer a psicólogos, psiquiatras e internações, porque tinha dificuldades para lidar com a doença do filho.

Essa situação, somada à constante necessidade de viagens do marido, que exigia que ela o acompanhasse, geraram uma situação conflituosa para Clarice. Em 1959 ela decidiu-se por separar do marido, o que na época era bastante incomum.

Ela desejava cuidar do filho esquizofrênico num local de residência fixo, sem viagens constantes, além de continuar a cuidar da sua carreira como escritora. Assim, ela optou por retornar ao Rio de Janeiro apenas com seus filhos, estabelecendo-se num apartamento no bairro do Leme.

Ainda em 1959, Clarice passou a escrever a coluna "Correio feminino - Feira de Utilidades" no jornal carioca "Correio da Manhã", usando o pseudônimo de Helen Palmer. Em 1960, assumiu a coluna "Só para Mulheres" do "Diário da Noite".

Em setembro de 1966, Clarice foi vítima de um incêndio provocado por ela mesma, de forma involuntária. Ela havia ido dormir deixando seu cigarro aceso. Clarice fumava e bebia desde a adolescência.

As queimaduras foram tão graves, ao ponto de Clarice ser hospitalizada e ficar entre a vida e a morte por três dias. Os médicos chegaram a avaliar a necessidade de amputar sua mão direita, devido à gravidade das feridas. Após superar o risco de morte, Clarice permaneceu no hospital ainda por dois meses.

Outro episódio da vida de Clarice se deu em 1975, quando ela foi convidada a participar do I Congresso Mundial de Bruxaria, em Bogotá, na Colômbia (convite que ela havia recusado inicialmente). Nesse congresso, Clarice houve uma apresentação do seu conto "O ovo e a galinha", que ela havia traduzido ao inglês e que fez sucesso entre os participantes.

Quando retornou desse congresso para o Brasil, essa viagem ganhou ares mitológicos. Houve falsas descrições, feitas por jornalistas, dizendo que Clarice havia se vestido de preto e estava coberta de amuletos.

Essa imagem ligada à bruxaria se consolidou ao ponto que Clarice é referida como "a grande bruxa da literatura brasileira". Mais, seu amigo Otto Lara Resende declarou, em relação à sua obra, que "não se trata de literatura, mas de bruxaria".

Em 1977, depois da publicação do romance "A Hora da Estrela", Clarice foi hospitalizada novamente. Os médicos diagnosticaram um câncer de ovário em estágio avançado, inoperável, e que já havia se espalhado pelo seu organismo.

Um dia antes de completar 57 anos de vida, Clarice faleceu no dia 9 de dezembro de 1977. Na manhã desse dia, mesmo sob efeito de sedativos, Clarice ainda ditava frases para sua amiga Olga Borelli, que a acompanhara de perto em seus últimos anos.

No dia seguinte, sábado 10 de dezembro, o Jornal do Brasil noticiou seu falecimento:

*A escritora Clarice Lispector, uma das maiores ficcionistas da literatura brasileira contemporânea, morreu na manhã de ontem (...) no Hospital do INPS, na Lagoa, onde estava internada desde o dia 16 de novembro. Por ser hoje um sábado, dia considerado sagrado pelos israelitas, seu sepultamento só poderá ser realizado, amanhã às 11 horas, no Cemitério Comunal Israelita, do Caju. Ucraniana, emigrada para o Brasil aos dois meses, e tendo passado sua infância no Recife, Clarice Lispector dominou como poucos nossa linguagem. Sua última obra - A Hora da Estrela - foi lançada em outubro, quando já estava enferma...*

Seu corpo foi sepultado no Cemitério Israelita do Caju, no Rio de Janeiro, no dia 11 de dezembro de 1977, com a presença de cerca de duzentas pessoas.

### **Sua obra literária ainda cresce**

Clarice iniciou como tradutora em 1941, antes de iniciar sua carreira literária, com traduções de contos para a revista "Vamos Ler!".

Clarice era fluente em português, inglês, francês e espanhol, além de ter estudado hebraico e iídiche e ouvido russo na sua infância.

Após decolar a sua carreira literária e acompanhar o marido ao redor do mundo, ela ficou sem fazer traduções por quase duas décadas. Somente em 1963 ela retomou as traduções, com a tradução do romance "The Winthrop Woman" de Anya Selton para a editora Ypiranga. No período até 1969, ela traduziu obras de Agatha Christie e Alistair MacLean para a mesma editora.

Em 1968 ela publicou a crônica "Traduzir procurando não traír" na revista Jóia, na qual ela publicou suas reflexões sobre o ofício de tradução.

Em 1969, ela traduziu o conto "Historia de los dos que soñaron", do escritor argentino Jorge Luis Borges, que ficou como única tradução do espanhol feita por Clarice.

Em 1973, ela iniciou traduções do francês, com a obra "Lumière allumées" de Bella Chagal, pela editora Nova Fronteira.

A tradução do romance "Le bluff du futur", de Georges Elgozy pela editora Artenova em 1976, foi a última tradução publicada em vida. Entretanto, ela havia deixado prontas duas traduções que foram publicadas de forma póstuma: a Imago Editora ainda publicou sua tradução do "L'homme au magnétophone" de Jean-Jaques Abrahams, e a Editora Record publicou sua tradução de "Curtain" de Agatha Christie.

As traduções de Clarice atingiram a marca de trinta e cinco livros, de diversos gêneros, escritores e idiomas – sendo a maioria do inglês e do francês. O período de 1974 a 1976 marca o ápice desta atividade: nesse período Clarice traduziu quase metade de todos esses livros.

Ainda, em sua última década de vida, Clarice se dedicou a literatura infanto-juvenil. Textos como "Gulliver's travels", de Jonathan Swift, entre vários outros, foram publicados pela editora Abril Cultural

graças às suas traduções. Além da Abril, a Ediouro, editora 'popular' da época, contou com traduções de Clarice.

Mas, é impossível deixar de chamar a atenção para as traduções das obras da própria Clarice para outros idiomas. Elas são a maior prova da relevância da sua obra: apenas seus livros (desconsiderando os contos) foram traduzidos integralmente **cento e setenta e nove** vezes, para um total de vinte e dois idiomas diferentes.

Seus livros mais traduzidos são os seus romances "A Hora da Estrela" e "A Paixão segundo G.H.", ambos traduzidos para vinte e dois idiomas. Outros três foram traduzidos quinze vezes ou mais!

Esse sucesso internacional de Clarice foi construído de forma gradual: já em 1954 seu livro "Perto do Coração Selvagem" foi traduzido na França. Curiosamente, ela desaprovou o trabalho de tradução do seu texto.

Ainda nos anos 50 alguns textos de Clarice foram traduzidos para o espanhol, em 1961 ocorreu a primeira tradução para o inglês, em 1963 para o alemão, e daí em diante a lista não parou de crescer.

Esse fenômeno de traduções da obra de Clarice continuou mesmo após o seu falecimento: ao longo da década de 1980 foram publicadas duas novas traduções por ano. Na década de noventa esse ritmo caiu um pouco, mas a partir do ano 2000 voltou a aumentar significativamente.

Novas edições de suas obras continuam sendo publicadas até nossos dias, com a realização de novas traduções, que pretendem ser mais fiéis aos textos originais de Clarice – uma justa homenagem para quem tanto se empenhou na função de tradutor também.

Dentre as traduções mais recentes merece destaque o esforço da editora britânica Penguin Books, que lançou novas traduções para o inglês dos romances de Clarice ao longo da década de 2010 em formato de série, como parte de um esforço para publicação de autores latino-americanos.

### **Um estilo próprio e quase indecifrável**

Alfredo Bosi, renomado historiador e crítico literário brasileiro, ressalta três características do estilo narrativo de Clarice. Em primeiro lugar ele cita o uso intenso de metáforas insólitas, na busca de conexões originais entre conceitos aparentemente não relacionados.

A segunda característica destacada por Bosi é a entrega ao fluxo de consciência: os textos de Clarice obedecem ao seu momento interior. De acordo com Bosi, "a própria subjetividade entra em crise", em busca de um novo equilíbrio, que leva a autora do plano psicológico para o metafísico.

A terceira característica do estilo de Clarice é a ruptura com o enredo factual, marcante em seus romances. Esses textos não seguem a tradição literária, ao não ter compromisso em narrar uma história do começo ao fim.

A brasilidade de Clarice foi reafirmada por ela diversas vezes. Ao ter emigrado da Ucrânia com apenas dois meses de idade, ela não tinha qualquer memória do país natal. Ela afirmava que não possuía nenhuma ligação com a Ucrânia, ao afirmar que "naquela terra eu literalmente nunca pisei: fui carregada de colo".

O valor de sua obra é reforçado não apenas pelas constantes reedições de seus textos, mas pela continuidade dos estudos sobre a sua vida e obra. Uma das mais detalhadas biografias e análises está contida na obra do jornalista estadunidense Benjamin Moser, publicada em 2009, traduzida e lançada em português pela editora Cosac Naify no mesmo ano, e republicada posteriormente pela Companhia das Letras.

Nessa biografia, Moser formula a hipótese de que o peso da morte prematura da mãe, somada às dificuldades com seu primogênito Pedro, e uma paixão não correspondida por seu amigo Lúcio Cardoso (que era homossexual), são as crises a gerar as dores íntimas de Clarice.

Entretanto, a expressão dessas dores é praticamente indecifrável: na introdução da biografia escrita por Moser, ele recorre ao conteúdo de uma carta de Clarice escrita para Fernando Sabino, onde

ela relata sua passagem pelo Egito (a caminho da Itália) e a visita as Grandes Pirâmides e a Esfinge de Gizé. Escreveu Clarice: “Não a decifrei, mas ela também não me decifrou”.

Moser ainda cita declarações da escritora francesa Hélène Cixous: “Clarice era o que Kafka teria sido se fosse mulher, ou se Rilke fosse uma judia brasileira nascida na Ucrânia, se Rimbaud fosse mãe, ... ou se Heidegger deixasse de ser alemão”.

Ao longo da sua vida, Clarice trabalhou de forma tão sistemática para proteger sua vida pessoal, que frustrou sistematicamente os jornalistas que tentaram entrevistá-la em vida, criando assim uma aura de mistério.

Ao mesmo tempo, sua obra expõe de forma fascinante e completa a sua vida interior, ao ponto de Moser afirmar que ela se constitui “talvez na maior autobiografia espiritual do século XX”. Moser resume assim, na introdução da sua biografia:

*A alma exposta em sua obra é a alma de uma mulher só, mas dentro dela encontramos toda a gama da experiência humana. Eis por que Clarice Lispector já foi descrita como quase tudo: nativa e estrangeira, judia e cristã, bruxa e santa, homem e lésbica, criança e adulta, animal e pessoa, mulher e dona de casa. Por ter descrito tanto de sua experiência íntima, ela podia ser convincentemente tudo para todo mundo, venerada por aqueles que encontravam em seu gênio expressivo um espelho da própria alma. Como ela disse, 'eu sou vós mesmos'.*

## Seu legado

Ambos os filhos de Clarice com Maury Gurgel Valente, falecido em 1994, tiveram sua vida marcada pela mãe. Entretanto, apenas o segundo filho, Paulo, homenageia a obra da mãe e permite ser entrevistado periodicamente.

Paulo Gurgel Valente se formou economista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e atua nessa área até a atualidade. Além dos cinco livros que ele publicou nessa área, ele também escreveu diversos livros infantis, inspirados na obra da mãe. Quando do lançamento da tradução ao espanhol do seu livro “O leão de tanto urrar, desanimou”, em entrevista concedida à jornalista Gabriela Mayer, ele revelou que a mãe, mesmo contando apenas com uma máquina de escrever, revisava e corrigia muito seus textos, chegando a reescrever alguns por oito vezes.

O legado material de Clarice se constitui em uma fonte de pesquisa primordial para quem quiser se aprofundar em sua vida e obra. Uma parte desse acervo está depositada na Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, mas a maior parte do material está no Instituto Moreira Salles (IMS). O IMS conserva 800 livros de sua biblioteca pessoal, seus discos, suas fotografias familiares e toda a correspondência com suas irmãs, Tânia e Elisa.

O IMS planejou uma mostra intitulada “Constelação Clarice” para homenagear a autora no centenário de seu nascimento, ocorrido em 2020, mas foi obrigado a adiar essa mostra para o ano seguinte em função da pandemia de Covid-19.

Essa mostra também foi levada para a sede paulistana do IMS, onde tive a oportunidade de visitá-la em novembro de 2021. Visualizar documentos originais da autora, como a carta que escrevera a Getúlio Vargas e sua certidão de naturalização, os documentos de sua viagem a Colômbia, assim como inúmeros textos escritos a máquina e corrigidos pela sua própria letra de mão se constituem numa experiência fascinante.

A modo de conclusão, o que é impossível na análise da obra de Clarice, escolhi citar as palavras registradas por ela, de próprio punho, em um fragmento de envelope de uma carta enviada a ela em junho de 1975, que diz assim:

Eu vejo tudo como se eu já tivesse morrido e visse tudo de longe.

## Referências

- Ferreira, Teresa Cristina Montero (1999). *Eu sou uma pergunta: Uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco. ISBN 9788532509284
- Folha de São Paulo (1977). No enterro de Clarice Lispector. Notícia publicada em 12 de dezembro de 1977, consultada no Acervo on Line do jornal em 30 de janeiro de 2022
- Folha de São Paulo (2009). Biografia sobre Lispector aborda estupro da mãe e amor por um gay. Notícia publicada em 20 de novembro de 2009, referente ao lançamento da tradução do livro “Clarice”, de Benjamin Moser, ao português, pela editora Cosac Naify.
- Galarraga Gortázar, Naiara (2020). Clarice Lispector, autora radical, mãe e esposa convencional. [S.l.] El País, artigo publicado no portal na web em 05 dezembro 2020.
- Gilio, Maria Esther (1976). *Tristes trópicos: com Clarice Lispector en El Rio*. [S.l.]: RevistaTriunfo, Espanha.
- Gotlib, Nádía Battella (2008). *Clarice - Fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. ISBN 9788570606891
- Instituto Moreira Salles (2004). *Clarice Lispector*. Col: *Cadernos de Literatura Brasileira*. Volume 7. [S.l.]: Instituto Moreira Salles
- Instituto Moreira Salles (2022), Exposição “Constelação Clarice”, organizada pelo IMS e aberta ao público de 23/10/2021 a 27/02/2022, na sede da Av. Paulista, 2424 – São Paulo/SP. Visita presencial realizada em 20 de novembro de 2021, com registros fotográficos de diversos dos materiais citado no texto acima.
- Lispector, Elisa (2006). *No exílio*. São Paulo: José Olympio. ISBN 8503008629
- Lispector, Elisa (2012). *Retratos antigos*. [S.l.]: UFMG. ISBN 8570419384
- Lockhart, Darrell B. (2013). *Jewish Writers of Latin America: A Dictionary*. [S.l.]: Routledge. ISBN 9781134754205
- Machado Garcia Arf, Lucilene. Clarice Lispector e a difusão de sua literatura na Espanha. *Olho d’água*, São José do Rio Preto, v. 7, n. 2, p. 17–29, 2015.
- Mayer, Gabriela. Palabreríos - <http://gabriela-mayer.blogspot.com/2016/04/paulo-valente-hijo-de-lispector-entre.html> - Entrevista com Paulo Valente – Página consultada em 08 de agosto de 2022.
- Moser, Benjamin (2011). *Clarice, uma biografia*. [S.l.]: Cosac Naify. ISBN 9788575037669
- Wikipédia - [https://pt.wikipedia.org/wiki/Clarice\\_Lispector](https://pt.wikipedia.org/wiki/Clarice_Lispector) - Biografia da escritora publicada na Wikipédia, consultada até 08 de agosto de 2022.